

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Diversos

Dimensão: 1183

Imagem: S/Cor

Página (s): 4/5



RICHARD FORD /

“Se não fosse escritor, teria sido polícia”

“Canadá” já foi considerada uma das obras-primas deste século, mas o seu autor não podia ser mais modesto. Diz que escreve porque não tem mais nada que fazer e que é óptimo a perder empregos. **Vanda Marques** entrevistou o Prémio Pulitzer a quem todos contam histórias e não terminou a conversa sem lhe contar uma

Não ficámos presos nos olhos azuis – os de jornalistas que o entrevistaram garantem que tem um olhar intenso –, mas por telefone fica o registo preciso da voz. De sotaque americano, Richard Ford, 70 anos, não está para romantismos e diz que os escritores são preguiçosos. Se procrastinar fosse sempre assim produtivo, estávamos muito melhor. Com 70 anos, Prémio Pulitzer em 1995, publicou o seu último livro em 2012, “Canadá”. Aclamado pela crítica, é uma reflexão sobre como a vida pode correr bem mesmo depois de experiências traumáticas. E logo no primeiro parágrafo embarcamos numa viagem impressionante com Dell, a sua irmã gémea, e os pais: “Contarei em primeiro lugar a história do assalto à mão armada que os nossos pais fizeram. Depois a dos homicídios, que aconteceram mais tarde.”

“Canadá” tem dois anos. Como é revê-lo? Nunca o faço. É aí que mora o desespero. Uma das coisas mais inteligentes que faço é escrever o livro o melhor que posso quando está à minha frente e não voltar a visitá-lo.

Porque decidiu escrever esta história? Porque não tinha mais nada para fazer. Começou-a há 20 anos...

Não levei 20 anos a escrevê-la. Escrevi dez páginas em 1989 e depois pu-las de lado. Alguma coisa se deve ter metido no caminho ou algo em mim me disse que não sabia o suficiente para o terminar.

Porque voltou às dez páginas?

Pela mesma razão por que comecei a escrevê-lo: não tinha nada para fazer. Se está à espera de histórias românticas e de inspiração, está a falar com o escritor errado. A minha frase preferida é de Henry David Thoreau, o naturalista: “O escritor é um homem que não tendo nada para fazer encontra algo para fazer.”

Há escritores que o fazem mas não têm

sucesso. Por isso terá alguma coisa a dizer às pessoas.

Há uma razão relacionada com o que Thoreau diz como não tenho nada para fazer de igual importância. Posso concentrar todo o meu ser em escrever um livro.

Escreve por prazer ou é trabalho duro?

Nenhuma das duas coisas. Não considero escrever assim uma coisa tão prazerosa mas ao mesmo tempo não posso dizer que é difícil. Gosto de escrever histórias porque gosto de as ler. Dá-me uma grande satisfação e ensina-me coisas. A maior dívida da literatura é expandir o âmbito do que considerava ser humanamente possível. Escrevo livros, na minha idade, para fazer com que os leitores sintam o mesmo. Não é uma forma muito europeia de pensar. Muitas pessoas que conheço em França dizem: “Eu escrevo para mim próprio, estou-me a borriçar para o que os outros pensam.” Acredita, se estivesse a fazer qualquer coisa só para mim, teria escolhido outra coisa mais fácil.

Como é que se manifesta a ideia no seu livro?

A versão mais profunda é: podes ser um adolescente e podem acontecer-te coisas horríveis mas podes sobreviver e transformar-te numa pessoa produtiva, funcional e satisfeita. É uma lição que os seres humanos têm de aprender, em vez de se tornarem cada vez mais narcisistas.

No romance, o pai de Dell, que já fez o assalto, leva os miúdos a passear e diz:

“Só quero que aprendam uma lição fundamental sobre a vida. Há coisas que temos de aceitar e compreender, mesmo que ao princípio não façam sen-

tido.” Sente isso muitas vezes?

Sinto-o agora mesmo. Não quero dizer que seja pessoal, não é consigo. [Risos.] Mas sinto-o todas as manhãs quando acordo. A pergunta: porque é que escrevemos um livro? Meu Deus, quem sabe? Tiro grande satisfação de perceber que há imensas coisas à minha volta que simplesmente não entendo. Vivemos com outro ser humano, mas olhamos para ele com ignorância. Não podemos prever, controlar, mas amamos.

O livro fala de um assalto e de homicídios. Algum deles é inspirado em factos reais?

Não. Mas no livro que estou a terminar é. Tem a ver com o furacão Sandy, há dois anos. Passa-se em Dezembro de 2012, na costa de Nova Jérsei, e é o Frank Bascombe [personagem que apareceu noutros livros do autor, como “The Sportswriter”] que narra a história. É sobre como o furacão afectou a vida de quatro pessoas, mas da forma mais escondida, não como aparece nos jornais.

Sobre aquilo que não controlamos e como é decisivo nas nossas vidas?

Sim. E eu gosto disso, porque a vida seria muito menos interessante.

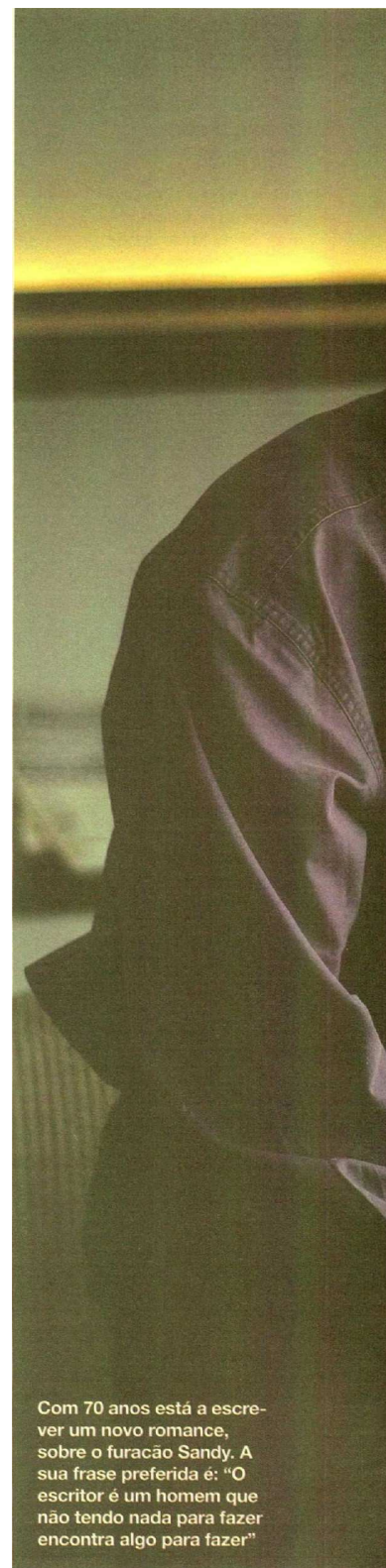
Escreve da perspectiva de um adolescente, mais uma vez. Considera que estes anos são fundamentais?

Sim. No fundo foram fundamentais para mim. O meu pai morreu nessa altura e acho que um escritor tem de acreditar que se isto me aconteceu também deve ter acontecido a mais pessoas.

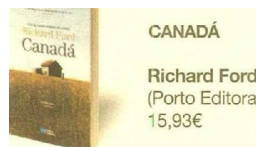
Está a referir-se à morte do seu pai de ataque cardíaco. Ele morreu nos seus braços, quando era adolescente, e em todas as entrevistas lhe perguntam sobre isso. Sente-se confortável a falar do assunto?

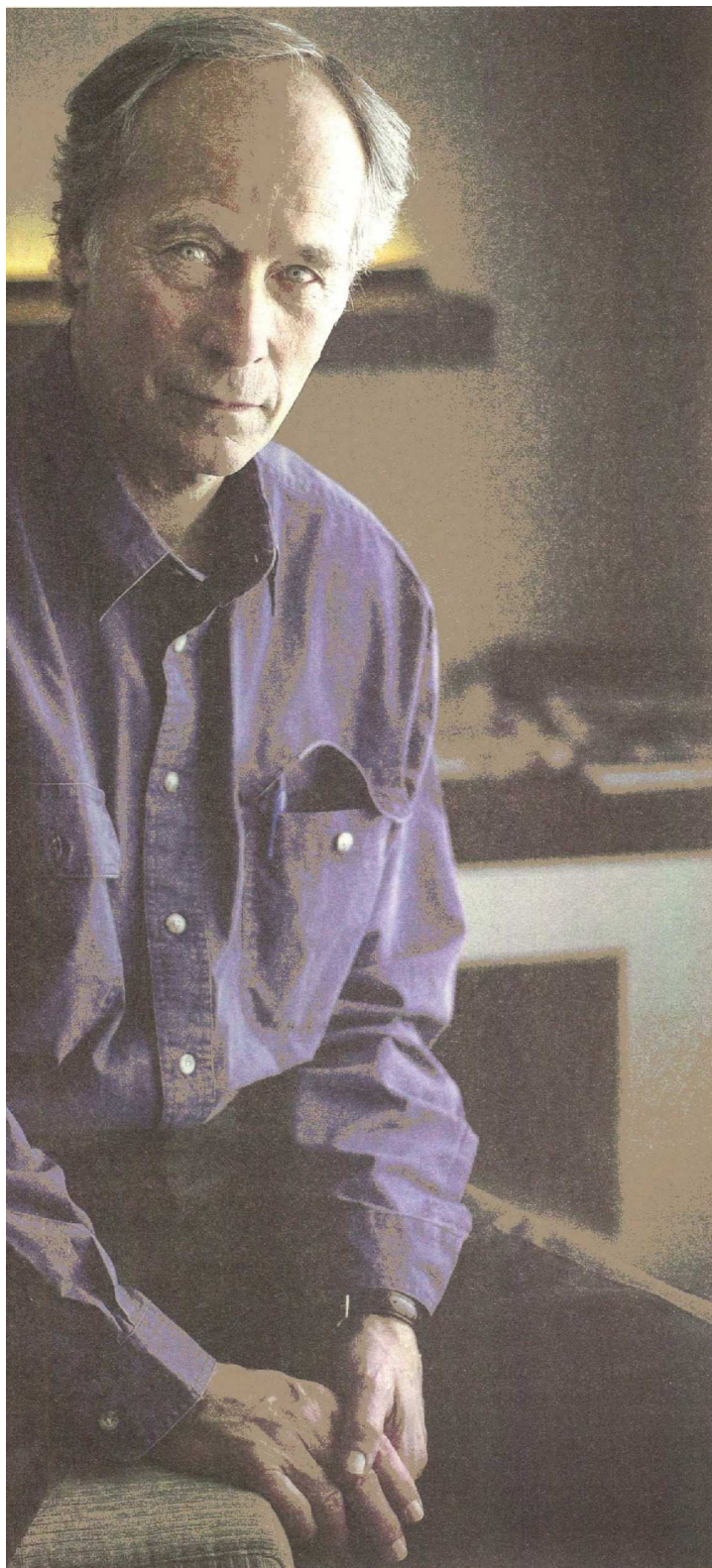
Sim. E sentia-me confortável a falar disso cinco minutos depois de ter acontecido. É a sua forma de lidar com a vida?

Bem, tento evitar que as coisas fiquem cá dentro a consumir-me. Sou uma pessoa



Com 70 anos está a escrever um novo romance, sobre o furacão Sandy. A sua frase preferida é: “O escritor é um homem que não tendo nada para fazer encontra algo para fazer”



Periodicidade: Diária**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 80000**Temática:** Diversos**Dimensão:** 1183**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 4/5

que tenta expor o máximo, porque é melhor cria uma noção de empatia com outras pessoas. Todos vivemos tragédias, perdemos pessoas, não é invulgar.

Também contou que depois de o seu pai ter morrido a sua mãe lhe disse:

“Richard, sabes que eu já não posso tomar conta de ti.” Acha que tem isso em comum com Dell?

É verdade. Mas ele teve uma vida mais difícil. Adaptei-me melhor a cuidar de mim do que ele. Mas quando a minha mãe disse isso não foi como o Dell, ela não ia presa e esteve lá durante os 20 anos que se seguiram. Só que estava preocupada com a vida dela, com a perda dela. **E já se imaginava escritor?**

Imaginei-me muitas coisas, estive na Marinha, andei em Direito, fui professor, tentei arranjar um trabalho no corpo diplomático dos EUA. Fiz muita coisa diferente. Não cresci numa casa com livros. Ser escritor não era uma escolha de carreira nobre. E não podes dizer “vou-me tornar escritor” como dizes “vou-me tornar canalizador”. Tinha lido pouco, não tinha escrito, isto aos 17 anos. Já aos 23 anos era diferente. Tinha lido umas coisas, vivido outras, escrito umas histórias, e disse à minha namorada na altura, agora mulher: “Vou tentar fazer isto.” E ela respondeu: “Isso é uma boa ideia.” Era a autorização de que precisava.

Mas depois dos dois primeiros livros desistiu?

Sim. Eram creíveis, mas ninguém os leu. Não estava a ganhar dinheiro, a minha mulher é que tinha todo o trabalho, por isso fui arranjar um emprego. Estava a tentar há 15 anos. Arranji um trabalho a escrever sobre desporto, depois perdi-o. Sou muito bom a perder empregos.

Porquê?

O meu nível geral de competência não é muito elevado. Quando trabalhas para os outros estás constantemente a ouvir: despacha-te. Aliás, posso ouvir na tua voz: tens um tempo limitado para dedicar a esta entrevista. Agora quando escreves romances tens todo o tempo do mundo. É aí que eu me dou bem.

Foi preciso ter coragem para voltar a escrever?

Não. Os soldados é que têm coragem. Os escritores são preguiçosos.

Foi bom voltar?

Sim, mas com medo. Tinha 37 anos, e pensei: tento mais uma vez e se não tiver sucesso nunca mais penso nisso.

Teve sucesso, criou leitores. Gosta de falar com eles?

Sim, porque sou um tipo normal. Não sou um génio, trabalho muito e gosto do que faço, não sou cínico em relação à arte. Acho que é importante as pessoas perceberem que uma pessoa como eu consegue fazer uma vida assim. Encoraja-os a ver os escritores e a arte de forma mais humana.

Existe a ideia do escritor à margem da sociedade, um ser iluminado.

Não somos muito especiais. É um mito

que se perpetua, mas que eu combato.

É verdade que as pessoas o abordam para lhe contar histórias?

Sim. Estou surpreendido como ainda não me contaste uma história. Talvez o faças. Isso acontece porque eu oiço as pessoas. Apenas presto atenção. E é o que as pessoas têm de menos na vida: alguém que lhes dê atenção.

Podia dar-nos um exemplo de uma dessas histórias?

Não. [Risos.]

Ok. Diz que a escrita não veio naturalmente. Porquê?

Porque não sou suficientemente inteligente, não tive ninguém ao meu lado a fazer isso. Tive de trabalhar tudo. Acho que o natural não é muito verdadeiro. As pessoas criam o natural na sua escrita. John Updike e Joyce Carol Oates eram os escritores mais naturais, mas como os conheci sei que não é mais natural escrever para eles do que para mim. É um ideal romântico, de que se é um escritor inato. Acho que são tretas.

Recebeu vários prémios, um deles o Pulitzer. Como se sentiu?

Achei que era um erro. Mas não me mudou. Tinha 52 anos e é muito difícil mudar uma pessoa com essa idade. Encorajou-me e deixou-me feliz.

Não sentiu mais pressão?

Não, de modo nenhum. Se alguém sente pressão depois de receber um prémio tão importante como este, já tinha de ser neurótico antes disso. E não sou particularmente neurótico.

Disse que “Canadá” foi o seu livro mais ambicioso. Porquê?

Porque tem duas visões, a visão de um adulto a contar a história que recua no tempo e a visão daquele rapaz que se tornou adulto. Estas visões têm de coexistir e de ter algo entre elas que só pode ser contado nesta dualidade. No fundo, é sobre como tirar o bom do mau.

Como é?

Bem, temos de pôr fronteiras na nossa moral. Temos de nos tornar criativos no vocabulário moral.

Porquê Canadá e não outro país?

Gosto da palavra, de a ver nas páginas. O que um escritor faz é escolher palavras e pô-las em página. Escrevo sempre com uma caneta de tinta permanente e não no computador. Não tenho pressa de fazer as coisas. Encontro prazer em experimentar a língua como uma coisa real, palpável.

Se não tivesse sido escritor, o que seria?

Provavelmente polícia. Tinha uma ideia clara dos polícias: ajudavam as pessoas. Há outra versão, mais como uma versão da Gestapo, mas no Mississipi, onde cresci, quando o FBI foi para lá uma das coisas que fez foi trazer a lei para um sítio sem lei. Nesse processo libertaram os negros, que eram vítimas de uma opressão horrível.

E os seus livros também libertam ou ajudam?

Sentir-me-ia honrado se pensasse isso.